



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5776 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

OS ENCONTROS COM A ESCRITA DE SI NOS MODOS DE DESENHAR TRAJETÓRIAS DOCENTES

Vaneza Silva da Rosa - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Paula Lemos Silveira - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

Cláudio José de Oliveira - UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul

OS ENCONTROS COM A ESCRITA DE SI NOS MODOS DE DESENHAR TRAJETÓRIAS DOCENTES

O presente texto apresenta e discute os resultados finais de uma pesquisa de Mestrado em Educação, no qual apresenta-se a problemática em torno das narrativas docentes de um grupo de quatro professoras que atuavam em uma escola municipal do Vale do Rio Pardo no estado do Rio Grande do Sul. O material empírico para a produção das narrativas resultaram da escrita de cartas e de entrevistas narrativas. As cartas escritas pelas professoras, ferramentas metodológicas da pesquisa de Mestrado em Educação da primeira autora, serão o foco das discussões, com a contribuição dos estudos referente a docência da segunda autora, sob a orientação do terceiro autor. Deste modo, as cartas nessa discussão terão por objetivo entender e problematizar as trajetórias docentes na escrita de si. Por meio desta ferramenta metodológica as professoras narraram o seu trabalho, experiências e as relações com os alunos e colegas de profissão no cotidiano escolar. Neste sentido, evidenciamos nas singularidades dos percursos de vida pessoal e profissional, distintos olhares com relação a docência, ou seja cada professora inventou um modo de olhar para si na escrita de sua trajetória docente, questão que será discutida no texto. Mediante as considerações elencadas nossa problemática abrange a seguinte pergunta: Como um grupo de professoras narra a sua trajetória docente na escrita de si?

Para entendermos e problematizarmos as trajetórias docentes, lugar a que somos levados pelas leituras de narrativas de quatro professoras, torna-se importante pensar a escrita como diferentes trajetórias de encontros e desencontros de vidas pessoais e profissionais na docência. Para tanto, seguramos a caneta e no movimento motor da escrita o desenho das letras compõem palavras, essas são expostas em uma folha, que talvez se torne preenchida, rasurada, podendo retornar ao seu estado inicial novamente, mas com as marcas que a escrita nela imprimiu. As palavras que escrevemos, não são sobre um alguém desconhecido, mas sobre as narrativas de quatro professoras; encontros com a docência, nos lugares em que estiveram e como foram afetadas por cada um deles, possibilitando percorrer trajetórias de uma profissionalização, ou seja, de professoras que se movimentam entre espaços, tempos, pessoas e acontecimentos, permitindo assim sentir e inventar diferentes docências.

Desta maneira, consideramos as narrativas de cada professora como um desenho particular, um território de acontecimentos em que o sentido se faz diferente para cada docência. O desenho compõem linhas, contornos, cores e sentimentos, produzindo a imaginação, ou seja, um sentido específico da experiência de ser e sentir.

Com a intencionalidade de pensar sobre as trajetórias docentes e inspirados nos estudos de Michel Foucault (2014) sobre a escrita de si, entendemos que:

Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro. E isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. (FOUCAULT, 2014, p. 152).

Dito isso, compreendemos a escrita de cada carta, uma experiência única, diferente para cada uma das professoras, não podendo ser repetida, tendo em vista que a escolha das palavras e dos fatos que seriam contados, provavelmente, provocaram em cada uma, sentimentos distintos. E por que as cartas? As cartas foram escolhidas como uma das ferramentas metodológicas, pois indicaram o percurso, o desenho dos traçados e contornos das experiências de cada professora. As palavras tecendo as figuras compondo a história de vida pessoal ou profissional, e as cores sendo evidenciadas a partir dos sentidos que essa escrita tem. Ou seja, o que iriam escrever as professoras? Com base nas tessituras desenhadas nas composições de cada carta, a escrita deixou a marca de uma palavra que alinhavou-se nas linhas da escrita de si. Um modo particular de relacionar-se consigo mesmo e sentir-se subjetivado por essa escrita, evocando como diz Oliveira (2015), um outro que talvez ainda não sou, mas que desejo ser. Nestas relações estabelecidas com a escrita, destacaremos a seguir alguns excertos de cada carta escrita pelas professoras, bem como, o título escolhido, a fim de que possamos encontrar o sentido da escrita de si em cada modo de desenhar a trajetória docente.

Tabela 1 – Professoras

IDENTIFICAÇÃO	ANO	FORMAÇÃO	TÍTULO DA CARTA	IDADE
Professora “L” 25 anos de docência	4º Ano Ensino Fundamental	Pós-Graduação em Ed. Física e Pós-Graduação em Educação Infantil e Anos Iniciais	Desacomodações	45 Anos
Professora “J” 4 anos de docência	1º Ano Ensino Fundamental	Pedagogia (Educação Infantil e Anos Iniciais) e Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica	Singularidade	27 Anos
Professora “G” 6 anos de docência	Ciências e Ensino Religioso nos Anos Finais. 1º Ano do Ensino Fundamental	Graduação em Biologia e Pós-Graduação em Educação Ambiental e Sustentabilidade	Persistência	35 Anos

Professora "B" 9 anos de docência	Anos Finais Ensino Fundamental	Geografia	Uma decisão da Infância	30 Anos
--------------------------------------	--------------------------------	-----------	-------------------------	---------

Fonte: os autores.

* As professoras foram identificadas pela letra inicial do seu nome, preservando-se, dessa forma, sua identidade.

Desacomodações

Tenho 25 anos de experiência em sala de aula. Destes, já trabalhei com turmas de pré-escola, 3º, 4º e 5º ano do ensino fundamental de 9 anos, e 3º e 4º série da antiga seriação. Sempre trabalhei 40 horas semanais. Em alguns períodos tive turma nos dois turnos e em outros, como atualmente, tenho um turno em setor (direção) e outro com docência. Tenho que confessar que cada um destes 25 anos, foi um período de novas experiências, de aprendizagens, de desacomodação, pois a cada ano que passa, recebemos alunos com novas aprendizagens, aos quais nós é que temos que nos adaptarmos, nós é que temos que aprender a ensiná-los. Eles estão com alguns conhecimentos muito mais avançados que os nossos. (Professora L)

A professora (L) traz a palavra "desacomodações", como um título atribuído a sua carta. A palavra, por envolver o contexto da carta, poderá estar relacionada aos seus 25 anos de docência em diferentes turmas? Conforme a fala da professora, a cada ano as experiências foram mudando, pois as aprendizagens e os alunos não são os mesmos. Então, isso provocaria uma desacomodação em sua docência? Mediante a escrita da professora, as desacomodações seriam atribuídas aos anos de profissão e aos desafios que em cada ano se apresentam na docência, relacionados aos alunos e as aprendizagens. Visto que, da sua fala depreende-se a necessidade de uma preparação constante, pois a ela compete ensinar, reconhecendo, por outro lado, que os alunos já estão à frente destes conhecimentos. No que se refere a essa preparação constante citamos o questionamento de Fabris (2008) quando pergunta se haverá uma profissão que ofereça a preparação desejada pelos professores.

Singularidade

Independente do meu tempo de experiência, penso que angústias, ansiedades e receios me acompanham no meu caminho, pois ainda que situações semelhantes as já vivenciadas surjam em algum momento, as atitudes a serem tomadas não são as mesmas. Eu já não sou a mesma, os envolvidos são outros, o tempo e local são outros. Estamos em constante construção, reconstrução. Tudo é novo. Mas sim, os anos de experiência, ainda que poucos, têm contribuído para certa calma e segurança na hora de resolver problema, ver a situação de outra forma, por outro ângulo. (Professora J)

A carta da professora (J), sinaliza a palavra experiência interpelada por afetos em sua trajetória docente, os quais produzem diferentes sentidos em seu modo de ser. Contudo, ela também vai se inventando em sua docência, em outro modo de ser professora. Neste sentido, os saberes da experiência, contribuem para pensar sobre as narrativas escritas, uma vez que, "são conhecimentos baseados no trabalho cotidiano dos professores, experiência individual e coletiva, habilidades de saber-fazer e de saber-ser." Tardif (2014,p.39). Corroborando com as discussões em torno da escrita da professora (L), os saberes experienciais possibilitam a elaboração de respostas, mediante as situações encontradas no cotidiano escolar. De alguma maneira, tais respostas afetam a sua docência, agregando-se em sua trajetória outros olhares, pensamentos e conhecimentos na constituição de si.

Persistência

Meu sonho sempre foi ser professora, por isso corri muito atrás. Venho de uma família humilde, estudei em escola pública, morando no interior, dependia de transporte, onde tinha que caminhar dois quilômetros todo dia até a parada do ônibus. Mas a vontade de estudar era grande e eu nunca desanimei, consegui terminar o ensino médio (magistério), aí veio mais um obstáculo, a faculdade. Não tinha condições financeiras, então primeiro fui procurar emprego para trabalhar. Nesse meio tempo engravidei, então minha vida começou a ter outras prioridades, mas meu sonho ficou guardadinho. Com muito incentivo de meu esposo, fiz o vestibular e fui para a faculdade, onde cursei licenciatura em Biologia, depois de muita dificuldade me formei. Daí veio mais obstáculos pela frente, mas o meu foco era passar em um concurso para professora. Até que consegui, na educação infantil, uma experiência incrível, onde fui muito feliz, pois me identifiquei com as crianças. Nesse nível é imprescindível ter muita paciência e afeto com os pequenos. Mas claro, existe o outro lado, onde na educação infantil muitas vezes somos vistas como tias e não professoras. No momento que surgiu o concurso de professora de ciências e fui lecionar com turmas do ensino fundamental nos anos finais, pude me deparar com outra realidade, tanto de alunos, escola (sistema) e até colegas. Não sei se é certo dizer, mas agora realmente me sinto professora. Professora (G).

Associamos a escrita da professora (G) a uma história de fatos pessoais interligados a vida profissional. Pois, a sua escrita nos permitiu não somente conhecer a professora mas a sua personalidade, e nessa conexão, bem como diz Nóvoa (2011) pensamos o professor como pessoa e a pessoa como professor. Ao relembrar a sua trajetória pessoal e profissional a professora (G) traz recordações das cenas da sua vida, que renascem nas linhas escritas por ela. Encontros com pessoas, acontecimentos, afetos, lugares, por onde esteve, estradas e atalhos desenhados e alinhados nos contornos da sua existência, os quais sinalizaram o modo de sentir-se professora.

Uma decisão da infância

Desde pequena eu já sabia a minha profissão: ser professora. Não tive dúvidas disso em nenhum momento. Lembro-me do primeiro dia de aula e do carinho da minha primeira professora, Ane Lore. No ensino médio apenas precisava decidir qual disciplina eu seria docente e a minha escolha por geografia se deu por eliminatória. A professora titular ajudou muito nessa escolha, a entender o mundo que vivo e a relação do ser humano com este me encantou. A faculdade não era opção, era obrigação. Meus pais sempre nos incentivaram a estudar. Sou filha de agricultores com o Ensino Fundamental Séries Iniciais incompleto. Para eles, ver as filhas no estudo era prioridade. Tanto se fez que eu e minhas três irmãs nos formamos no ensino superior, dando sequência com cursos de pós-graduação e mestrado. Professora (B).

O título que a compôs foi “Uma decisão da infância”. O modo como escreveu e contou os fatos da sua vida pessoal e profissional, nos remeteram aos estudos de Wanderer (2007), nos quais a autora relaciona a sua docência com os acontecimentos que foram experienciados na trajetória escolar e nas origens familiares.

Nas palavras da professora (B), dialogamos com a trajetória de uma docência chamada a vida, ao cuidado de si e do outro. Um chamado a “vocação que vem do mundo e talvez tenha a ver com o amor ao mundo, com responsabilidade pelo mundo, ou com o cuidado com o mundo”. (LARROSA, 2018, p.39). Mediante essas considerações a vocação não estaria condicionada as habilidades da pessoa, no sentido do que sabe fazer e tampouco a um chamado missionário. A vocação então, seria um chamado singular da existência

humana, como nos disse a professora: *“desde pequena já sabia a sua profissão”*, algo que foi se desenvolvendo com ela, estando presente nas diferentes fases da sua vida, na qual pudesse, quem sabe, sentir-se subjetivada na relação consigo, na trajetória de uma vida que foi pintando a arte de ser professora.

Por fim, ao olhar e reler a escrita de cada carta, as palavras referenciadas como título, entendemos que não são somente palavras, frases ou textos que construíram as escritas, mas relatos de histórias de vida que falam sobre trajetórias docentes. Dissemos isso, porque as desacomodações, a singularidade, a persistência e a decisão da infância poderão estar implícitas no desenho de cada arte de ser docente, como diz Corraza (2005) *“um artista que ao se exercer, experimenta e inventa. {...} Sem se considerarem nunca uma obra de arte acabada, mas uma permanente e alegre devir-artista”*. (CORRAZA, 2005,p.141-142)

Neste sentido, se fazem necessárias as desacomodações para haver oportunidade de olhar e pensar de um modo diferente e, a singularidade, fala de diferentes docências, nas quais há conhecimentos pessoais e profissionais que caracterizam a trajetória de cada professora. Não podemos, contudo, descartar a importância da persistência para prosseguir na profissão, que muito provavelmente foi uma decisão da infância. As palavras e frases verbalizadas pela escrita das professoras, responderiam aos sentidos da escrita de si, um modo particular de desenhar a trajetória docente. Assim, as desacomodações, persistência, singularidade e uma decisão da infância, estabeleceram uma íntima relação com cada professora, uma autoria que sinaliza um desenho único em cada trajetória docente. Mediante, estas considerações é importante:

Pensar o tempo vivido por cada uma de nós. Refletir sobre a docência, profissão escolhida e exercida por nós. Colocarmo-nos atentas ao presente e à docência, atendendo a ambos, sendo tocadas e tocando, tanto o presente quanto a docência. (SILVA; TOMASEL 2018, p.108).

Com relação as questões problematizadas a partir da conversa estabelecida com as narrativas escritas pelas professoras e os referenciais teóricos, dialogamos com a escrita de si em cada trajetória docente, retomamos o passado como nos faz pensar (Foucault 2014) na leitura de cada narrativa, nos levando ao conhecimento de fatos que deixaram marcas em cada trajetória docente. Mas também, nos afastamos desse passado para entender o presente, o qual corresponde a um modo particular de ser, mas afetado pela presença de vestígios de uma trajetória de recordações. Trajetórias que se movimentam, por isso, as escritas são caracterizadas por um modo particular de ser, estando esses modos no plural mas ao mesmo tempo na unicidade da escrita. Assim, cada professora ao escrever estabeleceu uma relação de cuidado consigo mesma, no entanto, ao compartilhar a sua escrita foi ao encontro de outras trajetórias, sendo a sua companhia, estabelecendo relações de afetos e amizades, deixando a sua trajetória próxima de outra, sendo portanto, a autora, personagem, as quais inventam um outro modo de escrever sobre si. Como nos diz Larrosa (2011) *“O que somos, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos {...} nas quais somos ao mesmo tempo o autor, narrador e o personagem principal.”*(LARROSA,2011.p.48).

Retomando, desta maneira, a problemática discutida no texto, pensamos como um grupo de professoras narrou a sua trajetória docente na escrita de si?

Cada professora, ao desenhar a escrita de si, inventou um modo de olhar para a sua trajetória docente, deixando registrado no papel as suas inquietudes, dúvidas, medos, buscando, até mesmo, um refúgio em uma não preparação. Mas também, deixou as marcas

das alegrias, afetividade, paixão, com as suas particularidades, reaprendendo a cada dia ser professora. Trajetórias que se inventaram na desacomodação, persistência, singularidade e na decisão da infância, sinalizando um modo de ser, de contar a sua história, quem sabe, tendo a oportunidade de ser outra pessoa e professora que se inventou nas linhas da escrita.

Portanto, a escrita de si contribui para pensar a docência na contemporaneidade, pois a trajetória de cada professor (a), não se constitui somente da profissionalização, ela está alinhada ao humano e deste modo, a docência não responde apenas ao como ensinar, mas ao como se relacionar consigo mesma, com a sua trajetória, para que conseqüentemente possa estar conectada ao outro.

PALAVRAS-CHAVE: Trajetória Docentes. Docência. Educação. Cartas. Escrita de si.

REFERÊNCIAS

CORAZZA, S. M.; SILVA, T. T. **Uma vida de professora**. Ijuí: Unijuí, 2005.

FABRIS, E.T.H.; SILVA. **Experiências de in/exclusão no currículo escolar: desafios e complexidades**. In: 31 Reunião anual da Anped, Anais. Caxambu. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade e Política**. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Manoel da Motta (Org.). 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

_____. **Tecnologias do eu e educação**. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 2011.

OLIVEIRA, Sandra de. **Tornar-se professor/a: matriz de experiência e processos de subjetivação na iniciação à docência**. 2015. Tese (Doutorado em Educação)-Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

ROSA, Vaneza Silva da. **Narrativas de professoras das experiências docentes com alunos autistas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2018.

SILVA, Miriã Z; TOMASEL, Soraia. **Socialização e desejos: a docência terapêutica em dois atos**. In: FABRIS, ELÍ T. H.; DAL'IGNA, Maria C.; SILVA, Roberto R.D. (Org.). *Modos de ser docente no Brasil contemporâneo: articulações entre pesquisa e formação*. São Leopoldo: OIKOS, 2018. (p.108-125)

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WANDERER, Fernanda. **Escola e matemática escolar: mecanismos de regulação sobre sujeitos escolares de uma localidade rural de colonização alemã do Rio grande do Sul**. 2007. Tese (Programa de Pós- Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado) -

